

O modelo da cidade islâmica em Portugal: O caso de estudo da cidade de Elvas

Mafalda Gambutas Teixeira de Sampayo*

Elvas

“De la ville de Santarem à celle de Badajoz, quatre jours. À droite de cette route, on voit la ville d’Elvas, située au pied d’une montagne et dotée d’une forte enceinte et ses demeures sont nombreux. Les femmes y sont extrêmement belles.”¹

O presente texto é parte integrante de uma tese de Mestrado em Desenho Urbano com o seguinte título: O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas². Achou-se pertinente divulgar esta investigação através da análise realizada para Elvas.

1. A cidade islâmica em Portugal

1.1. A situação de Portugal durante o domínio islâmico

Portugal árabe é quase todo ele influenciado pela presença do Mediterrâneo³ que banha o Norte de África e o Sul da Europa. Manuel Terán considera a Península Ibérica mais mediterrânica que atlântica⁴.

* Mestre em Desenho Urbano. Instituto Superior em Ciências do Trabalho e da Empresa

¹ Idrîsî, *La Première Géographie de l'Occident* (trad. de Jaubert), Paris, Flammarion, 1999, p. 269.

² Leia o índice, a introdução e a bibliografia da tese em <http://dited.bn.pt/29601>.

³ Para mais informações sobre o comportamento e características do Portugal Mediterrânico, veja: Orlando Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de Relações Geográficas*, Lisboa, Livr. Sá da Costa, 1998.

⁴ Manuel Terán, *Geografía de España y Portugal*, 5t. em 6 vols., Barcelona, Montaner y Simon, 1952-58.

Se, por um lado, a influência dos povos que por aqui passaram foi de grande importância na caracterização do aspecto físico dos povoados, que os mesmos fundaram ou ocuparam, não menos importantes são as condições geográficas de todo o território abrangido pelo Mediterrâneo, sendo o “calor” e a “secura” uma constante do clima português a Sul do Tejo em virtude da sua proximidade com este mar⁵.

Portugal sofre, assim, em termos geográficos três influências distintas: por um lado, as mediterrânicas; por outro, as atlânticas; e, por outro, as de um território afastado do litoral.

A morfologia do terreno tem um papel muito importante no desenho das cidades. As cidades islâmicas tradicionais adaptam-se de forma sábia aos factores de ordem natural e, deste modo, estão intimamente ligadas ao suporte físico do terreno onde assentam. Iremos ver que existe uma predilecção pela implantação na encosta do monte, como aconteceu com Elvas, Silves e Lisboa. Para além da topografia do terreno contribuem também para a formação destas cidades os percursos, ou sejam, as ligações entre os diferentes aglomerados e as ligações entre as diferentes partes da cidade.

O que caracteriza as cidades islâmicas na Península Ibérica é a sua função defensiva expressa no posicionamento dos aglomerados. Quase todas as cidades escolheram lugares de fácil defesa que, como afirma Orlando Ribeiro, é uma das características dos sítios urbanos mediterrânicos.

Somos um povo claramente influenciado por diferentes civilizações. Este domínio de diversas culturas ficámos a devê-lo, em grande parte, ao Mediterrâneo. Várias civilizações penetraram no nosso território a partir do Sul e foram progredindo para terras mais setentrionais, ficando as suas marcas mais no Sul e Centro do país que no Norte.

Orlando Ribeiro diz que, mesmo em relação à presença romana, é no Sul que encontramos a sua marca mais sólida com as famosas vilas rústicas: “É ainda no Sul que se encontra a representação mais próxima do latifúndio romano: a herdade alentejana e o monte correspondente à *villa rustica*, com a multidão de clientes e a organização complexa da lavoura. Mas aqui a invasão árabe, por ser mais recente, sobrepôs-se aos vestígios anteriores e contribuiu para que, de algum modo, se desenhe um contraste entre um Portugal mourisco, meridional, e um Portugal românico, setentrional. Românico, note-se, não porque o cunho romano aí tivesse sido mais impresso, mas porque o fugaz domínio árabe mal se fez sentir.”⁶ Assim, os Árabes atenuaram a marca da civilização romana no Sul do país.

Embora não tenhamos hoje numerosos estudos sobre a população muçulmana na Idade Média, surgem observações de historiadores, também

⁵ Orlando Ribeiro, *ob. cit.*, 1998, p. 45.

⁶ *Ibidem*, pp. 55-57.

preocupados com este facto, que nos ajudam a perceber o que terá acontecido depois da ocupação romana em Portugal. Deste modo, e contrariando muitas opiniões, com o povo árabe Portugal verá aumentar a sua população⁷: “Em contrapartida, o florescimento de Al-Andaluz nos séculos IX e X e a colonização por parte dos árabes e berberes significaram com probabilidade um aumento no número de habitantes.”⁸ No entanto, esse valor manteve-se inferior ao conhecido para a população romana, o de um milhão de pessoas em período áureo do Império⁹.

Oliveira Marques chega mesmo a adiantar alguns valores, reduzindo a população para metade no período da decadência do Império Romano, ou seja, meio milhão, e põe a hipótese de se ter realizado um acréscimo de trezentos mil homens¹⁰.

1.2. O Sul e o Norte de Portugal

Não se pode caracterizar a cultura medieval ocidental toda da mesma maneira. Não só diverge de lugar para lugar como, ao longo do tempo, teve várias formas de expressão. Por exemplo, no nosso país ela irá manifestar-se de forma diferente no Norte e Sul, possivelmente como resultado do confronto entre duas realidades políticas e culturais que em nada se assemelhavam: “Como se sabe, os especialistas da Geografia Humana, e em particular Orlando Ribeiro, distinguiram duas grandes regiões: o Sul mediterrânico e o Norte; este, por sua vez, divide-se em duas zonas, o Norte atlântico e o Norte interior. Esta oposição justifica-se também plenamente no domínio da cultura.

De facto, é quase lugar-comum dizer-se que o Norte de Portugal é a área por excelência da cultura cristã, clerical, guerreira e rural; o Sul, da cultura árabe ou moçárabe e urbana”¹¹. Pois é, no Centro e Sul de Portugal,

⁷ Helena Catarino, *O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica: Povoamento Rural e Recintos Fortificados*, al'-ulyā: Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, n.º 6, Vol. I, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1997/98, pp. 84-85.

⁸ A. H. de Oliveira Marques, *O «Portugal» Islâmico, Nova História de Portugal*, Vol. II – Portugal das Invasões Germânicas à “Reconquista” (dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques), Lisboa, Presença, 1993, p. 137.

⁹ Jorge de Alarcão, *O Domínio Romano, Nova História de Portugal*, Vol. I – Portugal das Origens à Romanização (dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques), Lisboa, Presença, 1990, pp. 395-396.

¹⁰ “Tudo ponderado, a população do «Portugal» muçulmano poderá ter oscilado entre as 500 000 e as 800 000 almas, nunca atingindo porventura o milhão.” A. H. de Oliveira Marques, *ob. cit.*, 1993, p. 137.

¹¹ José Mattoso, *O Essencial Sobre a Cultura Medieval Portuguesa: séculos XI a XIV*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 7.

“Os mundos do Norte e do Sul correspondem, na Península Ibérica, a duas realidades geoculturais bem diferenciadas. A separação entre o Portugal atlântico e o Portugal

os Árabes permaneceram mais tempo, e será por isso que existem mais estruturas de tipo urbano nesta região de Portugal: "... o centro e o sul foram mais muçulmanizados e, devido à história e à geografia, mantiveram características menos rurais e mais «urbanas», isto é, de população mais agrupada.”¹²

Desta forma, iremos encontrar cidades com características muito semelhantes no Sul de Portugal, mas ainda assim é possível traçar diferenças no Sul e Norte no que diz respeito às cidades do litoral e interior do país: "... as comunidades do interior representam estádios mais remotos de desenvolvimento do que as do litoral.”¹³ Esta divergência entre interior e litoral é bem mais acentuada no Sul e Centro do país. Estas diferenças e divergências no Sul manifestaram-se, inclusive, pelo poder político que era mais forte no vale do Guadiana¹⁴.

É bom que fique claro que os Árabes também chegaram a ocupar o Noroeste peninsular e a confirmá-lo está a toponímia. No entanto, e como foi no Sul que permaneceram mais tempo, também é lá que encontramos uma maior densidade¹⁵. O estudo da toponímia tem sido um bom revelador de sítios de raiz medieval¹⁶. As pesquisas levadas a cabo por um grupo de ar-

mediterrânico não é apenas uma fronteira mental ou uma mera e cómoda invenção dos geógrafos dos nossos dias. Desde a Antiguidade que viajantes e historiadores assinalam, como pontos de separação, as montanhas que cortam a Península sensivelmente a meio. Depois de Estrabão referir «uma cordilheira contínua que se alonga do meio-dia para o setentrão, separa a Céltica da Ibéria», al-Razi lembrava «a cadeia de montanhas que divide as duas Espanhas» e al-Idrisi afirmava que «a Península Ibérica está separada em duas em todo o seu comprimento pelos montes chamados Serras» Cláudio Torres e Santiago Macías, *O Legado Islâmico em Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 19.

¹² António Borges Coelho, *Os árabes em Portugal, Santarém, a Cidade e os Homens*, Santarém, Museu Distrital, 1977, p. 48.

¹³ José Mattoso, *ob. cit.*, 1993, p. 9.

¹⁴ “O «Portugal» muçulmano não constituía um todo homogéneo e não tendia a cindir-se em bloco. O vale do Alto Guadiana, Beja e Santa Maria eram, nos séculos IX-X, pólos de diferenciação em torno dos quais se formavam feudos relativamente duradouros. As regiões mais ocidentais, representadas por Lisboa, Santarém ou Coimbra, ou mais setentrionais, simbolizadas por Viseu ou Idanha, mostravam-se periféricas, tanto geográfica quanto politicamente. Aderiam, eram conquistadas ou mantinham-se apaticamente fiéis ao poder central. Não tinham ainda ou tinham poucas iniciativas próprias. Não estavam, em suma, no centro das decisões.” A. H. de Oliveira Marques, *ob. cit.*, 1993, p. 128.

¹⁵ Sobre os nomes de origem árabe no nosso país, veja: Orlando Ribeiro, *Influências Muçulmanas no Noroeste da Península Ibérica, Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, Vol. III, N.º 5, Lisboa, C.E.G., 1968, pp. 115-116.

Acerca da toponímia árabe na região do Tejo, veja: Manuel Sílvia Alves Conde, *Ocupação Humana e Polarização de um Espaço Rural do Garb-Al-Andalus: O Médio Tejo à Luz da Toponímia Árabe*, Arquipélago: Revista da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1997, pp. 353-385.

¹⁶ Veja o estudo de toponímia realizado por Helena Catarino, *Para o Estudo da Ocupa-*

queólogos, no fim dos anos setenta, no Algarve Oriental utilizaram inicialmente esse método: “Neste sentido iniciámos os trabalhos na Serra do Caldeirão seguindo uma pesquisa exaustiva de topónimos nos concelhos de Tavira e de Loulé prosseguindo para os de Alcoutim e Castro Marim onde se identificou grande número de povoados e sítios”¹⁷. Os inúmeros vocábulos¹⁸ que hoje fazem parte da língua portuguesa e castelhana também atestam esta marcada presença. O tão usado *oxalá* significa “Queira Deus”¹⁹.

Existem dois tipos de cidades islâmicas em Portugal. No primeiro tipo temos aquelas onde a dimensão da cidade anterior era suficiente para os novos ocupantes, como Évora, Beja e Lagos, e nas quais apenas se encontram alguns vestígios do habitar dos Árabes. Vestígios estes que se revestem das mais variadas formas, como o simples fechar de ruas e o entortar de outras. No outro tipo, é mais evidente o carácter locativo e morfológico que encontramos, quer no resto da Península Ibérica ou em África. Estamos a falar agora de cidades como Lisboa e Mértola, onde os aglomerados cresceram bastante por diferentes razões depois da ocupação romana e visigótica. Poderemos enumerar a boa localização na implantação, a posição estratégica que possibilitou, por exemplo, no caso de Mértola, um grande desenvolvimento comercial, etc. Tudo isto contribuiu para a construção de novas habitações que foram tomando o partido da estética e funcionalidade islâmicas.

Iremos apresentar de seguida Elvas onde se observam marcas da cultura muçulmana e na qual analisaremos cinco factores que consideramos preponderantes na formação da cidade islâmica.

ção Muçulmana no Algarve Oriental: Concelhos de Alcoutim e Castro Marim, Trabalho para Prestação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Coimbra, Fac. Letras (Texto Policopiado), 1988, pp. 14-16.

José Pedro Machado também realizou um estudo de toponímia, neste caso para Sintra. Para mais informações, veja: José Pedro Machado, *Sintra Muçulmana: Vista de Olhos Sobre a Sua Toponímia Árabe*, Sintra, 1940, pp. 5-13.

¹⁷ Victor Gonçalves, Ana Margarida Arruda e Helena Catarino, *Três Intervenções sobre Arqueologia no Algarve, Clio: Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, N.º 1, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983/84, pp. 191-196.

Neste trabalho, os autores chegaram à conclusão que existe reutilização de estruturas habitacionais da Idade Média, ou seja, os povoados foram sucessivamente reconstruídos chegando aos nossos dias como forma de povoamento à semelhança do que se fazia naquela época: “É frequente encontrarmos esquecidas pela Serra Algarvia pequenas povoações onde o reaproveitamento de estruturas habitacionais medievais perdurou até hoje numa sucessiva reconstrução das ‘Alcarias’ árabes.”

¹⁸ Acerca da toponímia árabe que entrou em Portugal e Espanha veja: David Lopès, *Trois Faits de Phonétique Arabico-Hispanique*, Paris, Ernest Leroux, 1906.

¹⁹ David Lopès, *Alguns Vocábulos Árabe-Portugueses de Natureza Religiosa, Étnica e Lexicológica*, 192-?, p. 1.

1. A fundação do aglomerado, as preexistências

Tal como em Silves, em Elvas não temos provas suficientes que comprovem a existência de “desenho urbano” no sítio onde os Árabes a edificaram²⁰.

Esta urbe, ao contrário de muitas outras cidades ocupadas pelos Árabes, não deve ter tido a presença de Romanos²¹; terá sido então construída depois de 884, já em período islâmico. Será que podemos classificá-la como de fundação islâmica? Tudo indica que sim. Já está provado que Segóvia não se localizava no actual monte onde está a cidade islâmica.

É um facto que aqui (na região de Elvas) existiu um castro, o castro de Segóvia (Elvas)²², situado numa colina isolada. Este castro de Segóvia fora tão importante que terá correspondido a uma “cidade” que controlaria outros castros: “... Segóvia e Vaia Monte são, sem dúvida lugares centrais.”²³ Mas ficava a Norte de Elvas perto do Caia: “... a ocupação durante a Idade do

²⁰ Maria do Céu Ponce Dentinho diz referindo-se a esta cidade: “Elvas não tem planta de cidade romana (terra chã onde se desenvolve um plano regular inspirado na organização dos acampamentos militares...)” e diz mais adiante: “Por sua vez, os bárbaros não possuíam cidades. Germanos ou herdeiros de tradições célticas preferiam habitar no campo e tinham como actividades principais a criação de gado e a agricultura. Tácito notou a ausência de cidades como uma das singularidades da Germânia.” Do que se disse, ressalta a tese de Elvas ser de fundação islâmica.

Maria do Céu Ponce Dentinho, *Elvas: Monografia*, Elvas, Câmara Municipal de Elvas, 1989, pp. 39-40.

²¹ À semelhança de Silves, é possível que o sítio onde os Árabes edificaram a sua urbe tivesse na proximidade uma aglomeração romana, possivelmente *Dippo*, em Vila Fernando: “E eis mais uma dúvida: se no tempo dos romanos Elvas se chamaria *Dippo*, ou se *Dippo* seria uma povoação em qualquer área da região, onde aparecem bastantes vestígios da civilização romana.” Domingos Lavadinho, *Elvas*, Vol. 1 – Estudo de Toponímia, Elvas, 1950, p. 10.

Jorge de Alarcão pôs a hipótese de *Dippo* se ter localizado na actual localidade de Evoramonte. Existe mesmo quem pense que o povoado romano se localizava em Jurmenha.

Fernando Branco Correia, *Elvas na Idade Média*, Tese de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. (Texto Policopiado), 1999, p. 28 e 31.

²² “Sendo verdade, conclui-se que Elvas fosse a primeira povoação fundada pelos celtas na região de Portugal. É um ponto de interrogação, porque em pré-história e proto-história – e repetidas vezes em história – não se ultrapassam os domínios da suposição.” Domingos Lavadinho, *ob. cit.*, 1950, p. 8.

²³ Jorge de Alarcão, *A Cidade Romana em Portugal: A formação de «Lugares Centrais» em Portugal da Idade do Ferro à Romanização, Cidades e História*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p. 46.

Veja, também: Teresa Júdice Gamito, *Social Complexity in Southwest Iberia 800-300 B.C.: the Case of Tartessos*, Oxford, B.A.R., 1988.

Ferro deixou fortes marcas no “castro de Segóvia”, implantado de forma dominante sobre o Caia, a norte de Elvas.”²⁴

Assim, Segóvia estava implantada no território de Elvas, mas não ocupava aquele monte escolhido pelos Árabes; logo, Elvas corresponde a uma cidade de fundação islâmica em Portugal.

É possível que Elvas tivesse nascido, à semelhança de Badajoz, obedecendo a um plano de Ibn Marwân. No entanto, nunca alcançou a dimensão económica e política da actual cidade espanhola vivendo até hoje à sua margem²⁵.

Temos provas claras desta região ter sido ocupada desde os tempos mais remotos. Existem vestígios da Idade do Bronze²⁶ em Vila Fernando. E a Idade do Ferro está patenteada com o conhecido castro de Segóvia, sendo conhecidos os contactos que mantinha com o Mediterrâneo.

Não existindo preexistências, a malha urbana da alcaçova e sua envolvente é da responsabilidade dos Árabes.

2. Situação topográfica

A implantação desta cidade reúne três das características principais na escolha dos sítios islâmicos: um rio – o Guadiana; uma colina com vertente Sul menos inclinada; e um cruzamento de importantes vias de comunicação²⁷.

²⁴ Não obstante, Fernando Branco Correia coloca a hipótese de o sítio da alcaçova islâmica ter alojado um castro da Idade do Ferro. Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 21 e p. 123.

²⁵ “Elvas (Albas, Ilbas, Yalbas), inexistente como cidade na época romana, parece ter sido planeada pouco depois de 884 por Ibn Marwan, como réplica a Badajoz na margem direita do Guadiana, onde acaso já existia ou existira uma fortificação de qualquer tipo.” A. H. de Oliveira Marques, *ob. cit.*, 1993, p. 149.

²⁶ “A Idade do Bronze deixou também vestígios na zona de Elvas. Cerca da Atalaia dos Sapateiros (Freg. de Vila Fernando) apareceram vestígios construtivos deste período.” Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 20.

Veja também: António Dias de Deus, P. e Henrique da Silva Louro, Abel Viana, *Apontamentos de Estações Romanas e Visigóticas da Região de Elvas (Portugal)*, Separata de la crónica del III Congreso Arqueológico Nacional, Zaragoza, Sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico/Secretaría de los Congresos Nacionales, 1955, p. 571.

²⁷ “Estrategicamente situada, junto da inflexão para sul do Guadiana e na fronteira com a bacia hidrográfica do Tejo (...) Elvas funda-se no alto de uma colina, virada a sul, para onde virá a expandir-se, com protecção natural na vertente norte que cai abruptamente sobre o vale da ribeira de Cêdo (...) com importância estratégica nas linhas de comunicação peninsular...” Jorge Rodrigues e Mário Pereira, *Elvas, Cidades e Vilas de Portugal*, N.º 20, Lisboa, Presença, 1996, p. 24.

A região topográfica onde está implantada apresenta muitas linhas de água e terras férteis, o que deve ter influenciado a opção dos Árabes por este sítio. Elvas tinha fama nas águas e, consequentemente, na qualidade das hortas²⁸.

Sabemos que Elvas era percorrida pelas principais vias da Lusitânia. Estas estradas romanas faziam a ligação aos principais núcleos do actual território de Portugal²⁹, e também serviam para atrair gentes. Daí uma fixação neste sítio ser vantajosa. Passaria a ser, com toda a certeza, um lugar alternativo de paragem dos viajantes desse tempo. Conciliando esta rota com as qualidades do lugar (terras férteis e irrigadas) estaria garantida a sobrevivência do aglomerado.

Elvas era, assim, descrita, pelo geógrafo árabe Idrisi, como sendo um lugar fortificado rodeado de campos férteis, onde se processava um intenso comércio e onde se realçava a beleza das suas mulheres³⁰. Outro geógrafo, al-Râzî, que analisou este mesmo território, engloba-o em zonas consideradas ricas em “termos agrícolas, piscícolas e venatórios”³¹.

Em relação ao terreno onde esta aglomeração se localiza, predomina uma altitude de cerca de 300 metros: “... é uma zona de terra relativamente nivelada (cota de cerca de 300 m), mas rodeada por zonas orograficamente muito mais irregulares e ondulantes, destacando-se “cabeços” com cotas superiores a 400 a norte (como os *Alcamins* e a *serra de Camuge*) e, com cotas superiores a 360 metros, a sul – sudoeste (“*serra*” das *cabras do Carvão* e *Coroados*)...”³² É de realçar a proximidade do Guadiana e a quantidade de linhas de água presentes no território.

Assim, para além do progresso impulsionado pelas vias de comunicação, Elvas terá tirado partido da sua localização na margem esquerda do Guadiana³³, o que terá contribuído para um comércio activo.

Para Ibn Marwân, seu fundador, Elvas (*Albaxarnal*) tinha tudo para ser uma boa cidade; tinha as condições geográficas de que já falámos, resultando daí um sítio economicamente viável. Gozava de uma boa localização em relação ao Guadiana, pois daquele sítio não seria difícil ver quem chegava e partia, mas também tinha a barreira do rio para quem viesse do Sul³⁴. Ao

estabelecer-se em Elvas, Ibn Marwân tinha condições para daquele território poder dominar o Ocidente; contudo, parece que este árabe preferiu Badajoz.

Em resumo, Elvas ficava num monte situado entre a Ribeira do Celo (a Norte) e a Ribeira do Cancão (a Sul), e ocupava assim um bom lugar defensivo, onde os requisitos inerentes às cidades islâmicas estavam bem presentes.

3. Situação e desenho urbano da alcáçova e traçado da muralha da cidade

Mais uma vez, podemos observar que a implantação da alcáçova está no topo do monte. O seu desenho assemelha-se em planta a um rectângulo e a sua posição a Nordeste da *medina* terá permitido o seu funcionamento como sentinela do núcleo urbano durante toda a Idade Média.

Da alcáçova nascem muros que se desenvolvem perpendicularmente às curvas de nível e que irão abraçar toda a malha urbana posicionada na encosta Sul. O troço de muralha a Sul apresenta um traçado ondulante, provavelmente resultante do facto de se ter adaptado a um edificado já existente aquando da sua construção.

Nesta fachada a Sul, existem portas que fazem a ligação ao interior do núcleo e à sua alcáçova; algumas destas entradas são definidoras das importantes vias do aglomerado.

Esta cidade teria, na época árabe, uma área aproximadamente de dez hectares³⁵, sendo cerca de 2 hectares pertencentes à área da alcáçova: “A área total da urbe elvense murada em final do domínio islâmico ultrapassava os 10 hectares. Desses, cerca de 1,7 a 1,8 ha caberiam à alcáçova...”³⁶

O espaço da alcáçova é definido basicamente pela Rua da Alcáçova, pela Rua das Flores (fig. 193) e pela Rua das Beatas, sendo esta última de maior importância. De traçado rectilíneo, a Rua das Beatas (fig. 194) quase se descreve como sendo uma das diagonais do rectângulo que contorna a alcáçova. Sensivelmente ao centro e abaixo desta linha (Rua das Beatas) está implantada a Igreja de Santa Maria da Alcáçova (fig. 195), outrora espaço da mesquita³⁷. No canto mais a Norte ficava a residência dos governadores

²⁸ Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 106.

²⁹ Eram os “... importantes núcleos do Ocidente (*Ulshbûna* / Lisboa, *Shantarîn* / Santarém, *Yâbura* / Évora e outros) mas também para Mârida (a antiga capital romana e capital de Kûra)...” *Ibidem*, p. 55.

³⁰ Jorge Rodrigues e Mário Pereira, *ob. cit.*, p. 9.

José Emídio Amaro, *Elvas nas Relações Peninsulares*, Elvas, Tip. Progresso, 1943, p. 5.

³¹ Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 62.

³² *Ibidem*, pp. 111-112.

³³ *Ibidem*, p. 617.

³⁴ *Ibidem*, p. 54.

³⁵ Cláudio Torres fala-nos em três hectares para Elvas islâmica: “... a cidade muçulmana de Elvas pouco ultrapassava os três hectares.” Estas discrepâncias, no que diz respeito às áreas apontadas pelos diferentes investigadores, deixam-nos confusos. Mas, neste caso, Fernando Branco Correia diz ter feito uma medição sobre a carta à escala 1/2000. Quanto a Cláudio Torres, a sua medição justifica-se pois parece ter sido realizada apenas na área da alcáçova; pelo menos é esse o único contorno que se observa no desenho esquemático que nos apresenta. No entanto, mesmo para a área da alcáçova o valor não está certo. Cláudio Torres e Santiago Macías, *ob. cit.*, 1998, p. 128.

³⁶ Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 80.

³⁷ “Não faltam, porém, as suspeitas de que muitas igrejas medievais urbanas de invocação a «Santa Maria» ocuparam o espaço de antigas mesquitas.” Fernando Branco

(aquilo que hoje denominamos castelo), aqui estão à vista restos das estruturas habitacionais daquele tempo (fig. 196). O castelo tem um desenho em planta quadrangular e numa das faces mais a Nordeste existe uma porta à qual chamaram Porta da Traição. O espaço imediatamente fronteiro ao castelo encontra-se desocupado e a vertente Nordeste corresponde a um terreno íngreme de difícil acesso.

Fernando Branco Correia diz poder ter existido uma torre albarrã³⁸ na fachada Nordeste da alcáçova, o que não é de estranhar, uma vez que contamos com outras estruturas deste género construídas durante período almóada nas nossas cidades islâmicas.

Em relação às portas desta cidade, sabe-se, ao certo, de três na muralha da alcáçova: a da Traição (de que já falámos); a do Templo ou Santos³⁹ (entrada em linha recta, provavelmente construída entre o período emiral ou califal) (fig. 197); e a da Alcáçova (mais tardia, em cotovelo simples)⁴⁰. Quanto às portas que estariam na muralha da *medina*, desconhecem-se os seus nomes em época islâmica, e nem se sabe ao certo quantas eram. Talvez cinco, correspondendo, deste modo, uma à de S. Martinho⁴¹, outra à do Bispo, outra à de Santiago, outra à Nova (Arco da Encarnação) e a outra à Ferrada⁴².

Correia faz um levantamento de todos os indícios que terão levado os investigadores a pensar ser aquele edifício o substituto de uma antiga mesquita. Assim, refere a orientação da mesquita para Meca (no al-Andaluz correspondia a Sudeste), a existência de uma torre (a *almenara* que aparece nos desenhos de Duarte d'armas), a *qibla* (parede exterior da igreja que dá para a Rua da Alcáçova) e o pátio – o *sahn* (localizado junto à parede oposta à da *qibla*). *Ibidem*, p. 90 e pp. 92-100.

³⁸ "... a planta topográfica em que figura a zona de protecção do castelo definida em 1948 assinala, dentro da área do chamado «Meio baluarte do príncipe», uma estrutura, não visível actualmente (...) e que, sob o ponto de vista formal, apresenta semelhanças com uma torre albarrã..." *Ibidem*, p. 128.

Ver também: *O Castelo de Elvas*, Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, N.º 54, Porto, D.G.E.M.N., 1948, fig. 1.

³⁹ Maria do Céu Ponce Dentinho, *ob. cit.*, 1989, p. 40.

⁴⁰ Estes nomes podem não ter relação em época islâmica. Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 134.

⁴¹ A porta de S. Martinho é talvez a que nos suscita mais dúvidas pois dela não temos referências em tempo islâmico.

⁴² A Porta Ferrada ficava, provavelmente, perto da Porta dos Banhos que existiu na muralha cristã, uma vez que Fernando Branco Correia diz estar esta porta virada para o caminho de Badajoz. *Ibidem*, p. 138. Encontramos referência a Portas de Ferro noutras cidades islâmicas peninsulares. Em Alcácer do Sal, a única porta conhecida é a Porta de Ferro, e parece terem existido portas com esta designação em Lisboa, Faro, Córdova, Sagunto e Huesca, entre outras.

4. Localização da mesquita principal e dos edifícios públicos de destaque na cidade árabe

Com a mesquita maior da *medina* contamos pelo menos dois edifícios religiosos nesta cidade, pois já confirmámos a existência de uma outra mesquita no espaço da alcáçova (fig. 195). A segunda mesquita ter-se-á localizado no sítio onde esteve Santa Maria dos Açougues⁴³ (fig. 198), no centro da urbe e no cruzamento de duas vias importantes, como já vem sendo tradição nestas cidades.

Para além da mesquita, teriam existido nesta cidade islâmica como equipamentos urbanos: um edifício de banhos públicos (fora da muralha da *medina*, mas provavelmente perto de uma de suas portas⁴⁴) e um mercado⁴⁵ (que terá continuado em época cristã, obtendo a rua onde este se encontrava a designação de Rua dos Açougues).

É possível que a rua que tomou a designação "dos Açougues" englobasse vários tipos de comércio, ou seja, que funcionasse como eixo dinamizador do centro urbano. Contudo, não deixariam de existir mercados semanais fora de muralhas; fala-se mesmo numa feira às quintas-feiras⁴⁶.

A localização dos banhos no exterior permitia que as populações rurais fizessem uso destes sem terem de entrar na urbe: "Não se deve estranhar a localização destes equipamentos junto às portas das muralhas ou mesmo em zonas peri-urbanas, já que é sabido que os hammâm/s tanto eram frequenta-

⁴³ Este posicionamento não passa de uma suposição. Partindo do princípio que a *medina* teria tido uma mesquita *aljama* ou principal e sabendo nós da relação desta com os espaços comerciais, que aqui estariam também numa das vias importantes da urbe e na proximidade do lugar onde esteve a igreja de Santa Maria dos Açougues, é bem provável que essa mesquita *aljama* tivesse ocupado o lugar daquela igreja.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 86.

Maria do Céu Dentinho também refere a proximidade dos banhos com uma das portas da cidade islâmica e posteriormente com uma das entradas cristãs: "A porta dos Banhos, junto ao Almocovar – lugar que ficou fora da muralha onde viviam os mouros que D. Sancho concedeu ficarem em Elvas depois da conquista. Ali fizeram banhos com a água que desce do castelo."

Maria do Céu Ponce Dentinho, *ob. cit.*, 1989, pp. 44-45.

Esta colocação dos banhos na proximidade de uma das portas não é de estranhar; assistimos a processo idêntico em Badajoz. Fernando Valdés Fernández, *El Urbanismo Islámico de la Extremadura Leonesa: Cuatro Pautas de Desarrollo, Genèse de la Ville Islamique en Al-Andalus et au Maghreb Occidental* (coord. Patrice CRESSIER et Mercedes GARCÍA-ARENAL), Madrid, Casa de Velázquez, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1998, p. 166.

⁴⁵ "... não seria de estranhar que, em época islâmica, o *sûq* se localizasse no arruamento que as fontes cristãs designam, desde o século XIII (e até actualmente), como «rua dos Açougues.»" Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 84.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 105.

dos por populações urbanas como por rurais das redondezas. Além do mais, sabe-se que tal implantação, junto às portas das muralhas, era comum. No *Gharb al-Andalus*, mais concretamente em Badajoz, era assim que se passava.”⁴⁷

Era comum na cidade islâmica a existência de um edifício que albergava os forasteiros; Elvas era conhecida pela sua hospitalidade. Acreditamos que a existir uma estalagem esta se localizasse na proximidade dos banhos, ou que a ela estivesse associado um engenhoso sistema de condução de água.⁴⁸

Branco Correia nada adianta sobre o posicionamento dos cemitérios de Elvas islâmica; apenas diz que ficariam fora das muralhas. Santiago Macías e Cláudio Torres apontam a sua localização dentro de muralhas nas proximidades da Praça da República⁴⁹. Esta última teoria explicar-se-ia se o cemitério fosse anterior à construção da muralha; caso contrário, vem contrariar muito daquilo que se tem dito.

5. Características do traçado que enforma o aglomerado e seu desenvolvimento urbano

O tempo ainda não apagou todas as marcas da presença árabe em Elvas. Percorrendo as ruas da velha cidade, é possível descobrir ainda sinais de construções daquela época, nomeadamente no que diz respeito a algumas portas.

Observando a planta de Elvas no século XV⁵⁰, destacam-se dois tipos de traçado: aquele que diz respeito à malha urbana medievo-cristã, que se define por quarteirões estreitos e alongados; e aquele que ficou do urbanismo islâmico, onde os quarteirões dão origem a um tecido mais compacto e homogéneo.

Desse desenho urbano e da análise da fotografia aérea de Elvas islâmica destacam-se duas direcções que terão correspondido, em tempos, aos principais eixos viários: uma é no sentido Nordeste-Sudoeste; a outra, que lhe é perpendicular, liga a Porta de Santiago à alcáçova.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 86.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 87.

⁴⁹ “Em Elvas, terão existido dois locais de enterramento da comunidade muçulmana. O mais antigo pertenceu à cidade islâmica e situou-se perto da actual Praça da República. Dele provém, certamente, a lápide encontrada na Rua João de Olivença e que data, segundo Artur Goulart, do século VI da Hegira (XII d. C.).” Claudio Torres e Santiago Macías, *ob. cit.*, 1998, p. 129.

⁵⁰ Planta redesenhada por Fernando Branco Correia na sua Tese.

A via Nordeste-Sudoeste é composta pela Rua de S. Pedro, pela Rua dos Açougues e remata na Porta do Bispo. Verifica-se, assim, uma situação análoga a outros aglomerados islâmicos, ou seja, uma das vias principais corresponde à função comercial.

De uma análise mais atenta, percebe-se que as outras ruas, de menor importância (as travessas), são perpendiculares às vias que classificamos como principais. Estas travessas ou vias secundárias conduzem-nos aos espaços de habitação privada.

É imaginável que os eixos principais separassem os diferentes bairros da urbe, sendo um desses bairros, aquele que se encontrava a Sudoeste, ocupado pela minoria judaica: “Seria bastante provável que na Elvas islâmica também residissem famílias das minorias étnico-religiosas judaica e cristã moçárabe. (...) não seria impossível que, já no período islâmico, tivesse havido uma judiaria com a sua sinagoga. Na verdade, o arruamento que, sob domínio cristão, se vem a chamar Rua da Judiaria Velha localizava-se dentro do espaço da *medina*, junto à muralha, perto do que parece ter sido o principal eixo viário da Elvas islâmica.”⁵¹

Como modo de conclusão, evidenciamos o facto da cidade portuguesa ser uma miscigenação de culturas e modelos onde os Romanos e os Árabes tiveram um papel fundamental a tal ponto que poderíamos afirmar ser a matriz de formação da cidade medieval portuguesa um produto do cruzamento dos fundamentos teóricos e práticos, destes dois povos, na concepção da urbe.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de, *A Cidade Romana em Portugal: A formação de «Lugares Centrais» em Portugal da Idade do Ferro à Romanização, Cidades e História*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992
- ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio Romano, Nova História de Portugal*, Vol. I – Portugal das Origens à Romanização (dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques), Lisboa, Presença, 1990
- AMARO, José Emídio, *Elvas nas Relações Peninsulares*, Elvas, Tip. Progresso, 1943
- CATARINO, Helena, *O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica: Povoamento Rural e Recintos Fortificados*, al’-ulyā: *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 6, Vol. I, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1997/98
- CATARINO, Helena, *Para o Estudo da Ocupação Muçulmana no Algarve Oriental: Concelhos de Alcoutim e Castro Marim*, Trabalho para Prestação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Coimbra, Fac. Letras (Texto Policopiado), 1988

⁵¹ Fernando Branco Correia, *ob. cit.*, 1999, p. 88.

- COELHO, António Borges, *Os árabes em Portugal, Santarém, a Cidade e os Homens*, Santarém, Museu Distrital, 1977
- CONDE, Manuel Sílvio Alves, *Ocupação Humana e Polarização de um Espaço Rural do Garb-Al-Andalus: O Médio Tejo à Luz da Toponímia Árábica, Arquipélago: Revista da Universidade dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1997
- CORREIA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*, Tese de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. (Texto Policopiado), 1999
- DENTINHO, Maria do Céu Ponce, *Elvas: Monografia*, Elvas, Câmara Municipal de Elvas, 1989
- DEUS, António Dias de, P. e Henrique da Silva Louro, Abel Viana, *Apontamentos de Estações Romanas e Visigóticas da Região de Elvas (Portugal)*, Separata de la crónica del III Congreso Arqueológico Nacional, Zaragoza, Sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico/Secretaría de los Congresos Nacionales, 1955
- FERNÁNDEZ, Fernando Valdés, *El Urbanismo Islámico de la Extremadura Leonesa: Cuatro Pautas de Desarrollo, Genèse de la Ville Islamique en Al-Andalus et au Maghreb Occidental* (coord. Patrice CRESSIER e Mercedes GARCÍA-ARENAL), Madrid, Casa de Velázquez, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1998
- GAMITO, Teresa Júdice, *Social Complexity in Southwest Iberia 800-300 B.C: the Case of Tartessos*, Oxford, B.A.R., 1988
- GONÇALVES, Victor, Ana Margarida Arruda e Helena Catarino, *Três Intervenções sobre Arqueologia no Algarve, Clio: Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, N.º 1, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983/84
- IDRÎSÎ, *La Première Géographie de l'Occident* (trad. de Jaubert), Paris, Flammarion, 1999.
- LAVADINHO, Domingos, *Elvas*, Vol. 1 – Estudo de Toponímia, Elvas, 1950
- LOPÊS, David, *Alguns Vocábulos Árabe-Portugueses de Natureza Religiosa, Étnica e Lexicológica*, 192-?
- LOPÊS, David, *Trois Faits de Phonétique Arabico-Hispanique*, Paris, Ernest Leroux, 1906.
- MACHADO, José Pedro Sintra *Muçulmana: Vista de Olhos Sobre a Sua Toponímia Árábica*, Sintra, 1940
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *O «Portugal» Islâmico, Nova História de Portugal*, Vol. II – Portugal das Invasões Germânicas à “Reconquista” (dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques), Lisboa, Presença, 1993
- MATTOSO, José, *O Essencial Sobre a Cultura Medieval Portuguesa: séculos XI a XIV*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993
- O Castelo de Elvas*, Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, N.º 54, Porto, D.G.E.M.N., 1948
- RIBEIRO, Orlando, *Influências Muçulmanas no Noroeste da Península Ibérica, Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, Vol. III, N.º 5, Lisboa, C.E.G., 1968

- RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de Relações Geográficas*, Lisboa, Livr. Sá da Costa, 1998.
- RODRIGUES, Jorge, Mário Pereira, *Elvas, Cidades e Vilas de Portugal*, N.º 20, Lisboa, Presença, 1996
- SAMPAYO, Mafalda Teixeira de, *O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas (séc. VIII-XIII)* [Texto policopiado], Tese maestr., Deseenho Urbano, Inst. Sup. de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2001 – <http://dited.bn.pt/29601>
- TERÁN, Manuel, *Geografía de España y Portugal*, 5t. em 6 vols., Barcelona, Montaner y Simon, 1952-58.
- TORRES, Cláudio, Santiago Macías, *O Legado Islâmico em Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998

ISSN 1645-6416

ELVAS_{Caia}

Nº 6 - Ano 2008

Revista Internacional de Cultura e Ciência



Edições Colibri • Câmara Municipal de Elvas

Sinopse:

Este número 6 da revista Elvas Caia – Revista Internacional de Cultura e Ciência afirma-se mais uma vez como espaço de intervenção e reflexão cultural, onde se privilegia a produção dos trabalhos científicos em curso e a promoção da investigação sobre a raia. A sua afirmação, ascendente, enquanto publicação periódica e de reputado mérito científico, é já uma referência para os investigadores e a diversificação dos seus conteúdos permite ampliar as participações da comunidade científica. Cada vez mais esta revista reflecte as aspirações de um Município que se preocupa com a história, património e cultura de um concelho e de uma cidade candidata a Património da Humanidade. Promover uma cultura de qualidade, esta-belecendo prioridades que têm por base as realidades do século XXI é o objectivo de quem quer sempre mais para além do já existente (José António Rondão Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Elvas)

Índice:

Nota de Abertura . - Editorial . - O modelo da cidade islâmica em Portugal: o caso de estudo da cidade de Elvas . - Ofício da guerra e o castelo medieval na raia ibérica . - A praça militar de Elvas e o seu modelo de fortificação . - O Livro de Ester e alegorias na sala das sessões dos antigos Paços do Concelho da cidade de Elvas(...) . - Onomástica fronteiriza: las aldeias de la campiña de Valencia de Alcántara . - Quando Portugal é evidente: em redor dos portuguesismos e a didáctica de Português/LE . - O desenvolvimento labiríntico nas novelas exemplares . - La estirpe literária de Todos los nombres de José Saramago . - O Romantismo em Portugal:(...) Um percurso sobre a obra de Garrett . - El descubrimiento de las lenguas: valor orientativo de las lenguas: valor orientativo de los errores . - Evolução do desempenho do docente (...). - Tabaquismo en estudiantes de la Universidad de Extremadura . - A requalificação biofísica dos cursos de água (...) . - Rede Natura 2000 (...) . - Ser ou não ser musical, eis a questão.

Detalhes:

Ano: 2008

Capa: capa mole

Tipo: Revista

N. páginas: 207

Formato: 23x16

ISSN: 1645-6416-6